



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  

---

PRESIDÊNCIA  

---

DA REPÚBLICA

## OS FATORES DETERMINANTES DA GRANDEZA DAS NAÇÕES

DISCURSO PROFERIDO NA UNIVERSIDADE DA PARAÍBA,  
EM JOÃO PESSOA, 22 DE DEZEMBRO DE 1967, NA QUALI-  
DADE DE PARANINHO DOS DIPLOMANDOS EM TODAS AS  
CARREIRAS.

O convite que me fizestes para presidir a esta cerimônia na qualidade de vosso paraninfo, foi extremamente grato à minha sensibilidade de homem, à minha condição de militar, ao meu passado de professor e à minha posição de Chefe-de-Estado.

É que ele partiu de moços, cujo coração é sempre generoso e cujo caráter tende sempre a ser isento e reto.

Por isso mesmo, tenho-no na conta de alta honraria ao homem particular e inclino-me a considerá-lo também como ato de reconhecimento, de vossa parte, dos meus esforços de cada dia para corresponder à confiança de todo o povo brasileiro e, muito particularmente, à confiança dos moços e, entre esses, dos estudantes, que serão responsáveis, dentro em pouco pelo rumo dos destinos deste País.

Mas por que falei em corresponder muito particularmente à confiança dos moços que estudam? - Porque sempre foi e sempre será minha constante aspiração, como Chefe-de-Estado, corrigir o engano em que muitos estudantes caíram de boa-fé ao julgarem os dois Governos que se seguiram a 31 de março de 1964. Tal engano, em que muitos ainda persistem, tende a abrir um fosso de desentendimento e incompreensão entre certo número de estudantes e o Governo. Desse desentendimento e dessa incompreensão, estimulados e alimentados pela má fé e pela exploração ideológica, que têm as mais variadas origens, nasceu uma interpretação errônea do indole de Governo, dos seus propósitos fundamentais, da natureza das instituições que ele defende, das direções que tomou ou retomou, dos atos que houve por bem praticar.

Nada mais natural de que um colorido geral de injustiça nos julgamentos alcançados antes sob os ímpetos da emoção do que pelos argumentos da razão.

Uma das alegações mais constantes é esta: — vivemos sob um regime de ditadura. Nada, entretanto, mais vazio de fundamento. O primeiro fato, e esse histórico, digno de recordação é que, quando o País marchava aceleradamente para a ditadura, entre 1963 e 1964, rara voz dos críticos de hoje cuidou de assinalar o que se intentava. Os mesmos que reclamam agora contra pequenas restrições ditadas por exigências do momento, as quais não comprometem, aliás, nenhuma liberdade fundamental, — seguramente não tolerariam o tipo de liberdade reinante em certos países. Intelectuais, escritores, artistas, jornalistas, estudantes clamam, proclamam e reclamam; todavia, cada qual escreve, diz e bráda o que entende, sem nenhuma interferência do Governo, ora, uma das características mais veementes dos regimes ditatoriais é o cancelamento da liberdade de expressão. É claro que num país inquieto pelo crescer e prosperar, como é o nosso, uma convergência de pensamentos em torno de certas idéias e propósitos, sem que essa convergência implique uma capitulação ou uma concordância incondicional, cria uma atmosfera de ordem que propicia indubitavelmente paz, trabalho, prosperidade.

A ordem é um dos pressupostos da democracia. Sem ela, que é o respeito de cada um perante o direito de todos, a vida em sociedade é impossível. A própria Lei deixa de existir, se a ordem desaparece. E «Somente a Lei» — como escreveu Goethe — «pode dar-nos a liberdade» e, segundo Laski, o primeiro dever do Estado é «a preservação da ordem».

Mas o Governo não se opõe, nunca se opôs a que alguém pense diferentemente dele e disso faça até profissão de fé. Apenas não pode esquecer que lhe corre a obrigação constitucional de defender o nosso regime contra todos quantos — esquerdistas ou não — tenham em mira derrubá-lo e substituí-lo, não porque ele seja mau ou bom, senão porque não é o regime que desejam.

Está por ser escrito, parece, o capítulo de política que estude até que ponto é lícito à democracia defender-se, por meios puramente democráticos, de ataques antidemocráticos.

No caso brasileiro, meus jovens amigos, essa indagação é singularmente importante, se não quisermos resignar-nos ante a perspectiva da perda de oportunidades de manter definitivamente o Brasil no seu destino nacional, no seu destino autêntico, no seu destino cristão.

Não esqueçamos que, mal liberto de uma cilada habilidosamente urdida, o nosso País não se refez cabalmente do abalo que teve de suportar. Desse abalo ficaram-lhe resíduos susceptíveis de aproveitamento da parte daqueles que não se conformaram ainda com a perda das posições das quais comandariam a subversão das nossas instituições e a sua substituição pelas que lhes aproovesse impor-nos.

É difícil imaginar, sem razão mais forte do que essa, que pretenda obter do Governo, não direi cumplicidade, mas simples passividade diante dos golpes que se tramam, aqui e no Exterior, contra o regime sob o qual vivemos.

É difícil admitir que se não obrigue, sob a capa mal composta de pretextos libertários, o anseio incontínente de reconquista dos Poderes de Estado.

É mais difícil ainda pensar que o Governo deixe de cumprir o seu dever essencial para com o regime e as instituições, a fim de satisfazer falsos apelos de democratas improvisados.

Quero valer-me deste momento em que vos despedis de vossa Universidade e partis para a vida e para as lutas e vitórias que ela vos reserva; quero valer-me deste momento a fim de atrair a vossa reflexão para a complexidade do Mundo em que, dentro em pouco, passareis a viver mais direta e proximamente.

«O homem moderno tem o seu destino expresso em termos políticos». Essa é uma verdade profunda e perturbadora, que vos lançará desafios a cada passo da vossa jornada, pouco importando a profissão que venhais a exercer.

Já foi assinalado por moderno pensador político que boa parte do mal-estar da civilização moderna é devida ao fato de que as instituições do Estado não têm conseguido acompanhar todas as transformações da sociedade que ele dirige, especialmente as de natureza econômica.

Esse descompasso tem sido utilizado, infatigavelmente pelos grupos da chamada extrema esquerda socialista, para o efeito de demonstrar que a salvação do homem está no regime que inauguraram há 50 anos.

O argumento tem apoio na economia. Quem diz economia, diz distribuição de riqueza, diz também igualdade econômica do povo.

E o que pretende aquela extrema esquerda socialista, que se recusa estranhamente a ser chamada pelo seu próprio nome, é provar, tão evidentemente quanto possível, que o regime por ela preconizado realizou a façanha econômica de distribuição da riqueza, ou seja, dos bens materiais em geral.

O que ocorreu, todavia, está muito longe de constituir consolo e exemplo para outros povos. Realmente, em vez de distribuir-se, a riqueza concentrou-se nas mãos do Estado ou daqueles que o representam, de certo que os salários médios dos operários são muito inferiores aos pagos nos Estados Unidos, no Canadá, na França, na Inglaterra, na Austrália, no Japão.

As atividades intelectuais não diretamente ligadas aos interesses do Estado sofrem severas restrições. É recente o apelo de numerosos intelectuais a seus confrades do Ocidente. Dele extraio estas palavras:

«O que procuramos hoje não é o auxílio das grandes potências, mas a manifestação da sua solidariedade espiritual. Trata-se de um protesto. Trata-se de uma emergência. Exigi o livre direito de expressão e de crítica, bem como o fim das perseguições pessoais. E, por favor, formulai-o vós, sabretudo vós, intelectuais da esquerda do Ocidente, que estais ainda sob o domínio de ilusões, acerca da democracia e da liberdade nos países socialistas, e protestais contra os massacres norte-americanos, no Vietnã, contra o fascismo na Espanha, contra o racismo nos Estados Unidos, mas deixais de lado o que acontece nos países socialistas onde estão ancoradas as vossas esperanças».

Chamo ainda a vossa atenção, meus jovens amigos, para estes fatos significativos: a ausência de eleições livres em qualquer das nações sob o regime comunista, e por fim, a impossibilidade de apontar-se um só país que haja espontaneamente adotado aquele regime.

Entre nós, iludidos por demagogos sem escrúpulo, alguns jovens têm sido levados a crer, por exemplo, que o convênio MEC-USAID, destinado a melhorar as condições das nossas universidades, é uma traição aos interesses do Brasil e uma forma antinacional de resolver um dos nossos problemas mais agudos. Ao mesmo tempo, entretanto, silenciam e não consideram ato de «entreguismo» acordos assinados com países de regime socialista sobre ensino técnico-profissional.

Outro ponto que é mister aclarar é a conjuntura econômica brasileira. Nesse particular, não emitirei opinião. Limitar-me-ei a apresentar o grande esforço interno de investimento, que vimos realizando.

A conclusão a que chegaram peritos de renome internacional nos é francamente favorável e depõe em favor da ação governamental.

Assim, por exemplo, apurou-se que o produto interno bruto acusará, ainda este ano, aumento real da ordem de 5%, ou seja uma elevação da renda *per capita* de cerca de 2%, superando, sensivelmente, todos os números dos anos anteriores.

É ainda relevante mencionar que o aumento do índice do custo de vida, até novembro do corrente ano, atingiu, apenas 24%, quando foi de 39%, o referente ao mesmo período em 1966. E, considerando o índice de preços por atacado, o aumento foi de apenas 19,7%.

Observaram, também, os técnicos internacionais que nossa economia, cada vez mais, se capacita para receber e absorver maiores financiamentos externos e que, na realidade, uma substancial ampliação de volume de empréstimos está servindo como sinal de confiança na política econômica do Governo e no povo que a sustenta.

A despeito de tudo isso, uma trama de imposturas tem conseguido iludir a boa-fé de muitos moços. O seu objetivo oculto é, de um lado, indispor a juventude contra o Governo e, de outro, lançar o País em estado de anarquia, na esperança de alcançar a sua meta final, que é tomar o poder e substituir o regime.

A conseqüência de tal situação é a necessidade de optarmos entre anarquia e autoridade. O regime democrático tem de ser conciliado com essa opção para que possa ele próprio sobreviver. Nem existe nenhuma incompatibilidade entre os ideais democráticos e a autoridade em que deve estar investido qualquer Governo digno desse nome.

Desejo alertar-vos — meus jovens patrícios — para que não vos deixeis iludir; para que não vos deixeis transformar em instrumentos, mais ou menos dóceis, daqueles que se insinuam como os únicos democratas, os únicos homens de bem, os únicos patriotas, os únicos senhores da verdade — de todas as verdades.

A vós, que ora partis e cujas responsabilidades se multiplicam, cabe, desde já, papel de suma importância na vida nacional. Hoje, receberéis um diploma, que é uma palma luminosa e um encargo severo. Amanhã, não importa a profissão que estejais exercendo — tereis função social da maior repercussão. Sereis dirigentes de outros homens. Orientareis outros espíritos. Desempenhareis, talvez, mandatos políticos. Mas, em todas as circunstâncias, o vosso caráter, a vossa cultura e a vossa missão profissional serão forças com que o Brasil terá de contar para realizar-se.

Penetrareis em um mundo difícil em que a cegueira parece, muitas vezes, conduzir os passos dos nossos semelhantes; encontrareis uma sociedade complexa e, com freqüência, impermeável a algumas das idéias e sentimentos essenciais que presidiram à vossa educação. A fé em Deus vós a vereis, com surpresa, incerta e vacilante em muitos corações. Tal como escreveu Jacques Maritain, o notável pensador católico francês, «outrora, as forças do Mundo se ocupavam das cousas divinas; hoje, são as forças divinas que se ocupam das cousas da Terra.»

De outra parte, verificareis a tendência em vias de transformar-se em regra, de colocar na primeira fila, sob a lua mais intensa, os direitos a postergar, para o fundo mais obscuro, os deveres e as responsabilidades.

Não intento transformar-vos em pessimistas, pois eu próprio condeno o pessimismo, que nada constrói. Quero apenas advertir-vos das vicissitudes, asperezas e perigos da jornada que ora encetais. Quero lembrar-vos que o Brasil necessita de todos e de cada um. Não há Governo que se baste e baste à sua missão penosíssima. Nenhuma direção de um só homem torna um País grande e poderoso. O nível da inteligência, a qualidade da fibra moral, o desenvolvimento da cultura e o sentimento da responsabilidade cívica do povo como um todo, são os fatores determinantes da grandeza das nações.

Lede, estudai. Estudai sempre. Tereis oportunidades inúmeras de aplicar os ensinamentos que recebestes. Novas e longas perspectivas estão se abrindo diante de vós, qualquer que seja a vossa carreira. No Direito, começam a estudar-se as grandes leis do espaço aéreo e o pri-

meiro tratado sobre a utilização do espaço cósmico foi assinado, há alguns meses. Na Medicina, rasgam-se, vias que levarão à derrota as doenças degenerativas, à conquista de mais saúde, mais bem-estar, maior expectativa de vida. Na Física, os raios laser descerram novos mundos. Na biologia, proclama-se a possibilidade de criação de micro-organismos em laboratório. Na Engenharia, na Arquitetura, no Urbanismo, novas estruturas vão surgindo, e as cidades, os edifícios e os serviços públicos que lhes assegurarão funcionamento seguro e eficaz aguardam as pranchetas, os cálculos e a imaginação dos especialistas. Na Odontologia, que se aproxima cada vez mais da Medicina, já se usam aparelhos movidos por jato e estudam-se processos que evitarão muitas doenças por longo período. Na Economia, ensaiam-se novas combinações susceptíveis de oferecer melhores oportunidades de níveis satisfatórios de vida aos menos favorecidos pela fortuna. A Educação marcha, decisivamente, para ser, ao mesmo tempo, investimento e bem de consumo, e aqueles dentre vós concluintes de Filosofia, que se destinam ao magistério, ou à pesquisa, encontrarão, sem dúvida, maiores atrativos para o exercício da missão suprema a que um ser humano possa dedicar-se.

Sede fiéis à vossa vocação. Não vos esqueçais de que: melhor é exercemos com gosto, ainda que com remuneração injusta, a profissão, escolhida do que nos entregarmos, por simples atração financeira, a um mister para o qual não nascemos.

Acima de tudo, meus jovens e caros amigos, sede fiéis a vós mesmos, ao vosso ser moral de agora, à vossa sensibilidade, ao vosso coração. Levai convosco este lema do Cardeal Spellman: «Rezo, como se tudo dependesse de Deus. Trabalho, como se tudo dependesse de mim».

Sede fiéis à vossa fé cristã, aos vossos pais, aos vossos mestres, às paisagens familiares da vossa terra natal, às inspirações da sua gente honrada, simples e boa. E, sendo fiéis, a esses pensamentos e a essas imagens, sereis fiéis ao Brasil, e estareis sempre ao seu serviço, como ele pede e espera.